

A PERVERSÃO EM SALÒ

Data de aceite: 02/09/2024

Lucas de Oliveira Ventura Ribeiro

Aluno do Curso de Bacharelado em Psicologia – UPE/Campus Garanhuns

Breno Pimentel Vieira

Aluno do Curso de Bacharelado em Psicologia – UPE/Campus Garanhuns

João Tiago Pereira Silva

Aluno do Curso de Bacharelado em Psicologia – UPE/Campus Garanhuns

Luan Vinícius dos Santos Costa

Aluno do Curso de Bacharelado em Psicologia – UPE/Campus Garanhuns

Thiago Felix Macena de Oliveira

Aluno do Curso de Bacharelado em Psicologia – UPE/Campus Garanhuns

RESUMO: O artigo busca analisar o filme *Salò - ou os 120 Dias de Sodoma* sob a perspectiva das estruturas clínicas em psicanálise, em especial a perversão, levantando questões teóricas a partir de Freud e Lacan e estabelecendo diálogos éticos com Nietzsche, Kant e Sade. Utilizou-se como metodologia para a discussão e compreensão do filme e seus temas, entre eles o sadomasoquismo, o

Relato de Experiência, por meio do qual foi possível traçar relações entre o filme, o aprofundamento teórico e as possibilidades formativas do estudante de psicologia. A análise permitiu uma melhor compreensão da perversão enquanto estrutura psicopatológica.

PALAVRAS-CHAVE: Perversão. Psicanálise. Psicopatologia. Relato de experiência.

THE PERVERSION IN SALÒ

ABSTRACT: The article aims to analyze the film *Salò - or the 120 Days of Sodom* from the perspective of psychoanalysis' clinical structures, especially perversion, raising theoretical questions based on Freud and Lacan and establishing ethical dialogues with Nietzsche, Kant and Sade. The methodology used to discuss and comprehend the film and its themes, including sadomasochism, was the Experience Report, through which it was possible to point up relationships between the film, the theoretical depth and the formation possibilities of the psychology student. The analysis allowed a better understanding of perversion as a psychopathological structure.

KEYWORDS: Perversion; Psychoanalysis; Psychopathology; Experience Report.

INTRODUÇÃO

O filme *Salò - ou os 120 Dias de Sodoma* (1975) é um longa-metragem italiano, dirigido pelo renomado autor Pier Paolo Pasolini. O roteiro é uma adaptação do clássico de Marquês de Sade, *Os 120 Dias de Sodoma*, que desde Freud foi objeto de fascinação dos psicanalistas devido ao vívido retrato da perversão presente na obra. Nele, são retratados em visual explícito conceitos que dificilmente são encontrados de maneira realista para além das letras da literatura; passando pelo poder sobre o corpo do Outro, nudez, fetiches, torturas e parafilias, além de diversas outras distorções do que geralmente é postulado pelo campo da moralidade, trata-se de uma obra que dificilmente não chocaria o mais frio dos espectadores.

Dado esse cenário, e considerando a atenção dada por grandes psicanalistas ao livro que inspira o roteiro, julgamos que a película, aliada ao estudo da perversão, pode ser um excelente meio de conhecimento acerca das profundezas da psique humana apontadas por Freud e Lacan. Dito isso, objetivamos com o presente trabalho o aprofundamento experiencial e teórico acerca das estruturas clínicas desenvolvidas pelas teorias psicanalíticas (Freud, 2016), em especial, a perversão, relacionando-a com os estudos de Lacan acerca do sadismo e da moralidade, bem como a concepção moral de Nietzsche, fazendo uso, assim, da relevância dessa obra cinematográfica para o estudo e entendimento dos referidos conceitos.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

De início, a partir de debates internos e pesquisas realizadas no campo da psicopatologia de base psicanalítica – em especial acerca da perversão e suas formas de manifestação presentes no cotidiano humano e seus impactos no meio social – veio à tona a polêmica obra, censurada em diversos países devido à explicitude com que a obra trata temáticas como tortura, nudez e perversidades humanas.

O filme, assim como o *Inferno*, de Dante Alighieri, é dividido em círculos, sendo eles: Antinferno, O Círculo de Manias, O Círculo de Excremento e O Círculo de Sangue. Cada um deles vai abordar a perversão a partir de um tópico diferente, em uma escala crescente de perturbação. No Antinferno, os personagens centrais do filme – quatro fascistas italianos, sendo eles um bispo, um duque, um governador e um juiz – raptam a dedo, com o auxílio de homens armados, 18 jovens, homens e mulheres, e os transportam para uma mansão em isolamento. Lá, eles são introduzidos à dinâmica a qual serão submetidos nos próximos 120 dias, isto é, feitos objetos sob o jugo dos referidos senhores. Eles são despidos e assim permanecem durante todo o tempo, sendo frequentemente obrigados a andar de quatro, como animais.

O Círculo de Manias terá como núcleo fetiches e fixações, que vão desde atributos físicos à pedofilia e o incesto; nele, histórias são narradas de forma artística por uma mulher em trajes de gala acompanhada por um piano. Essas narrativas eventualmente despertam desejos nos senhores, que os extravasam de diferentes maneiras. O Círculo de Excremento centraliza comportamentos que frequentemente são referidos como parafilicos, e possui cenas regadas a urina e banquetes fecais forçados. Por fim, o Círculo de Sangue segue o ciclo crescente de mazelas humanas e é banhado por sangue, representando cenas repletas de torturas e assassinatos das mais variadas formas, estabelecendo atrocidade tamanha que chega a levar a referida mulher, colaboradora e apreciadora do evento, ao suicídio.

Durante a passagem dos círculos, não apenas as barbáries aumentam, como há uma gradual mudança de posicionamento dos jovens sequestrados quanto à situação em que se encontram. Enquanto alguns perdem a esperança e se matam, incrédulos da possibilidade de um ser humano ser capaz de tanta perversidade, outros são consumidos e convencidos pelos anseios e fetiches dos organizadores, se aliando a eles e se posicionando ativa e voluntariamente nas atividades, compartilhando do gozo dos seus senhores; estes, contudo, assim como os outros também não foram poupados.

Revelou-se particularmente difícil para nós, que assistimos o filme, não sentir o impacto frente a todas as situações imorais e perversas expostas. A repulsa que os jovens sentiram ao serem raptados traduzem, de certa maneira, como nos sentimos ao assistir o filme: com uma sensação de desgosto que penetrava e pairava no ar, não sendo aliviada mesmo após o fim do filme. O sentimento constante de incredulidade em relação às torturas contra os jovens, atrelado à moral que somos apresentados no cotidiano, criou uma ambiguidade, e não chegamos a outra conclusão senão a de afirmar que *Salò* é essencialmente uma história de seres humanos contra a humanidade.

A maldade presente no filme é, sem dúvidas, marcante para qualquer sujeito que o assista, e uma ótima representação de um mundo cuja moral é moldada fundamentalmente para satisfazer os indivíduos que estão no poder, uma noção de liberdade que causa repulsa; como dito pelo duque no filme, “a verdadeira anarquia é o totalitarismo”. Apesar dos pesares, essa experiência fez surgir em nós o desejo de compreensão dos mecanismos que psiquicamente dão existência a situações como essa, e, para tanto, recorremos a textos de Freud, Lacan, Nietzsche e comentadores, em especial, *Kant com Sade*, de Lacan, e *O problema econômico do masoquismo*, de Freud, a partir dos quais pudemos discutir e avançar no conhecimento acerca da perversão, sadismo, masoquismo, moralidade e estruturas clínicas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No capítulo intitulado “Kant com Sade” do livro: *Escritos*, Lacan (1998) inicialmente explora o Bem e o surgimento da Lei Moral na perspectiva de Kant, para depois compará-la à Lei Moral de Sade, fonte de seu prazer e perversão. Para Kant, a Lei Moral só alcançará o seu valor universal com a subtração da pulsão ou sentimento que o sujeito desenvolve por um objeto, ou seja, um interesse sobre o Outro, o que ele afirma ser uma característica patológica. Logo, para Kant, a lei moral só possui valor sem a presença de objetos de interesse, que conseqüentemente provocam o prazer.

Entretanto, Sade afirma que a moral nada mais é que uma intervenção causada por um sujeito, que a enuncia sobre um outro sujeito, chamado enunciado. Isto, contudo, se trataria de uma relação de poder, coisa a qual Sade se mostra contrário, uma vez que defende a liberdade dos sujeitos com a ideia de que nenhum homem pode ser propriedade de outro homem – sendo nesse sentido que ele afirma que Deus, o grande controlador, seria o símbolo da maldade (Lacan, 1998). Em contrapartida, também nenhum homem pode impedir o direito dos outros de usufruírem dele, sendo na liberdade do Outro que surge o direito ao gozo, bem como no Outro que as fantasias são realizadas como meio de se obter o prazer.

Na *Genealogia da moral* de Nietzsche (2012), obra mencionada no filme por um dos tiranos, é possível encontrar algumas semelhanças às noções morais de Sade, bem como se encontra enunciada a ausência do sentimento de culpa no quadro de perversão. Nela, o autor afirma que a moral surgiu de uma relação de poder no qual aristocratas determinam o que é bom e o que é mal para todos, mas o advento do cristianismo encarregou-se de inverter a moral dos nobres, tornando-os o símbolo do mal, e no processo, os que eram fracos e oprimidos ganharam força e tornaram-se o símbolo do bem; essa força se manifestou pelo ascetismo, que foi um dos responsáveis por instaurar o sentimento de culpa nos homens. Em suma, a culpa, para Nietzsche, pode ser definida em sua essência como a relação de um sujeito que deve ao seu credor, sendo a dívida instaurada moralmente, onde, no caso do ascetismo, o credor é Deus e as práticas ascéticas são a maneira de pagá-lo.

A partir disso, Nietzsche critica qualquer tipo de prática ascética, uma vez que elas seriam uma tortura autoinflingida, um “masoquismo moral” direcionado contra a própria vida, e chega a cogitar se o ateísmo seria a maneira da humanidade livrar-se de todo o sentimento de culpa. Esse pensamento ecoa no filme, onde a insinuação da existência de Deus ou qualquer tipo de prática religiosa era punida com os castigos mais severos seguidos de morte. Deus impõe a culpa nos sujeitos, e isso é tudo que os perversos não querem. A liberdade perversa dos tiranos pode nascer de várias formas, mas certamente a morte de Deus, grande símbolo moral, é uma delas – senão a principal –, pois é constituinte dessa estrutura psíquica.

Para sustentar esse pensamento, evocamos a equivalente noção lacaniana de que o perverso se constitui como o sujeito que encontra na denegação um meio de lidar com o princípio de realidade instaurado pelo pai, isto é, que tem a denegação como mecanismo de defesa para lidar com a castração (Pastore, 2012); é ele quem define a lei, portanto, não sente culpa. Ele é o sujeito que, dentre outras características, supõe o seu saber sobre o gozo do Outro. Diferentemente do neurótico, o perverso sabe o que deseja, manifestando esse desejo como uma vontade de gozo, a partir da qual a realização do ato dessa vontade é compreendido como um triunfo, sem o sentimento de culpa atrelado à situação (Baségio e Rosa, 2017).

Esse *modus operandi* aparece constantemente no filme, presente no modo com que os líderes fascistas utilizam dos jovens, isto é, instrumentos de prazer que não inspiram o mínimo remorso. Outro exemplo fundamental é a permanente atitude dos senhores de acreditarem saber como se dá o verdadeiro gozo dos seus vassalos, impondo essa noção sobre eles. Esse mecanismo é explicitado no filme em inúmeros casos, como na presença das já citadas narradoras, que, segundo os líderes, são as responsáveis por contar histórias que vão “instigar a imaginação” e, conseqüentemente, o desejo dos jovens. Contudo, é visível o desconforto por parte deles em relação às histórias; alguns gritam que não aguentam mais e outros tentam fugir, chegando inclusive a preferir a morte. Logo, apesar da crença, os líderes de fato não possuem domínio nenhum sobre o gozo dos outros; ao contrário, geram sofrimento – o que curiosamente não parece ser um problema, mas mais um motivo de gozo.

Para melhor compreendermos essa relação entre sofrimento e prazer, recorremos a Freud (2016), segundo o qual o masoquismo pode ser dividido em três tipos: erógeno, feminino e moral. O primeiro tipo, erógeno, se encontra subjacente também nos outros dois, e diz respeito à união entre a pulsão de morte residual e a libido. Uma vez que a libido direciona a pulsão para um fim de prazer vital, e a pulsão de morte encaminha o sujeito a um “gozo destrutivo”, do conflito entre esses princípios se dá que a libido direciona a pulsão de morte para objetos exteriores ao sujeito. Contudo, dessa operação resta um resíduo inescapável, que é integrado à libido e ao *ego*, de onde é proveniente a lógica erógena deste primeiro e fundamental tipo de masoquismo.

O masoquismo feminino, por sua vez – e aqui cabe elucidar que ele não é presente apenas nas mulheres, mas também nos homens, pois aqui a interpretação mais apropriada do termo “feminino” é no sentido simbólico, não literal –, sugere que o sujeito deseja inconscientemente ser tratado como uma criança travessa, que deve ser punida pelo pai, para não dizer espancada, amordaçada e forçada pela força a obedecê-lo. Ele esconde, no fundo, um desejo de ser dominado, castrado, copulado, e possui forte relação com o ânus e as nádegas. Por fim, o masoquismo moral, diferentemente dos outros dois, que pressupõem objetos exteriores ao sujeito, se dá intrapsiquicamente, onde o *ego* assume o papel de vassalo, masoquista, e o *superego* de suserano, sádico. Nesse tipo, o sujeito apresenta um sentimento de culpa inconsciente que o dirige à necessidade de punição.

Essa estrutura, contudo, pode fornecer respostas acerca do comportamento de alguns dos jovens presentes – que, apesar de representarem uma absoluta minoria dentre eles, encontravam satisfação na submissão –, mas falha em fornecer respostas acerca do comportamento dos líderes fascistas. Para isso se fará útil o conceito de perversão polimórfica e as quatro vicissitudes da pulsão (Freud, 2004), sendo elas a reversão (em seu oposto), o retorno (em direção ao próprio eu), o recalque e a sublimação, em especial as duas primeiras.

De acordo com Lima e Leite (2011), a reversão “afeta apenas as finalidades das pulsões” (p. 4), podendo uma finalidade pulsional ativa passar a ser passiva, o que permite uma mudança de lugar. Uma vez que para Freud (2016) a criança, antes de atingir a fase fálica, passa por uma fase de sexualidade perverso-polimorfa, isto é, apresenta traços sádicos, essa passagem se daria do ativo (sádico) ao passivo (masoquista) e não o contrário. Quanto à vicissitude do retorno, as autoras afirmam que, na verdade, “o masoquismo é um sadismo voltado contra o próprio eu” (p. 4), o que une de maneira inseparável os polos presentes no sadismo-masoquismo e, junto às noções estruturais de perversão, vão ajudar a esclarecer o comportamento dos personagens sádicos do filme.

CONCLUSÕES

À luz do exposto, apesar do modo explícito com que o filme retrata as atrocidades cometidas – o que pode ser demais para a maioria dos espectadores –, e da relativa dificuldade de acesso ao filme, entendemos que ele pode ser profundamente relevante para o estudo e compreensão de alguns conceitos essenciais da psicanálise. Acreditamos que o desgosto gerado ao imergirmos nesta obra pode ser positivamente recompensado por uma posterior análise e compreensão do que é exposto, contribuindo com a compreensão teórico-experencial do conhecimento acerca das dinâmicas sadismo-masoquismo e das estruturas clínicas psicanalíticas. *Salò* permite, na medida do possível, tangenciarmos acontecimentos inconscientes que acontecem cotidianamente diante dos nossos olhos, mas para além do que conseguimos enxergar.

REFERÊNCIAS

BASÉGIO, F. L.; ROSA, N. C. D. F. DA. A perversão enquanto estrutura e sua incidência na transferência. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 1, p. 65–70. 2017.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“caso dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

FREUD, S. Problema econômico do masoquismo. *In*: FREUD, S. **O id, o ego e outros trabalhos (1923-1925)**. Imago, 1996.

FREUD, S. (1915) Pulsões e destinos da pulsão. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1911-1915**, v.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

LACAN, J. Kant com Sade. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 776-803.

LIMA, M.M.R.; LEITE, S. O masoquismo e o problema econômico em freud. **Psicanálise e barroco em revista**, v.9, n.2 : 161-177, dez.2011.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PASTORE, B. **A constituição do sujeito e as estruturas clínicas**: uma reflexão acerca da prática clínica com crianças. Orientador: Raul Filho. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Saló ou 120 dias em sodoma. Direção: Pier Paolo Pasolini. Produção de Pier Paolo Pasolini. Itália. 1975.